



A BATALHA AR-TERRA DO ANO 2000

Donald Ray Morelli

O SISTEMA DE ESCALÕES SUCESSIVOS DOS SOVIÉTICOS

Antes de tratarmos da batalha ar-terra, primeiramente, gostaríamos de analisar a ameaça soviética, ou melhor, o seu sistema de escalões sucessivos. Este sistema tende a ser um tanto confuso, de modo que algumas explicações preliminares talvez ajudem a entender com maior clareza a terminologia usada.

Apreciemos o esquema constante da Figura nº 1, extraído de um manual de campanha soviético. As forças representadas no aludido esquema acham-se posicionadas entre 0 e 10 horas de distância da linha de contato e denominam-se regimentos de primeiro escalão. Atrás destes regimentos vêm os chamados de segundo escalão, localizados entre 10 e 15 horas de

marcha da linha de contato. Os regimentos de primeiro e segundo escalões formam a divisão de primeiro escalão. À retaguarda da divisão de primeiro escalão encontram-se as de segundo escalão, distantes aproximadamente de 16 a 48 horas da linha de contato. Assim, temos o exército de primeiro escalão e após este depara-se com o de segundo escalão, a 3 dias ou 72 horas da frente de combate.

Como podemos verificar, o sistema de escalões acima apresentado afigura-se um pouco complicado. Desejávamos apenas dar uma idéia geral do sistema. A partir de agora, vamos nos referir aos segundos escalões simplesmente como "sucessivos" para evitar mal-entendidos. A expressão "sucessivos" abrange também o Grupo de Manobra Operacional Soviético, o qual atua como um segundo esca-

lão. Assim, os chamaremos de um modo geral de forças sucessivas.

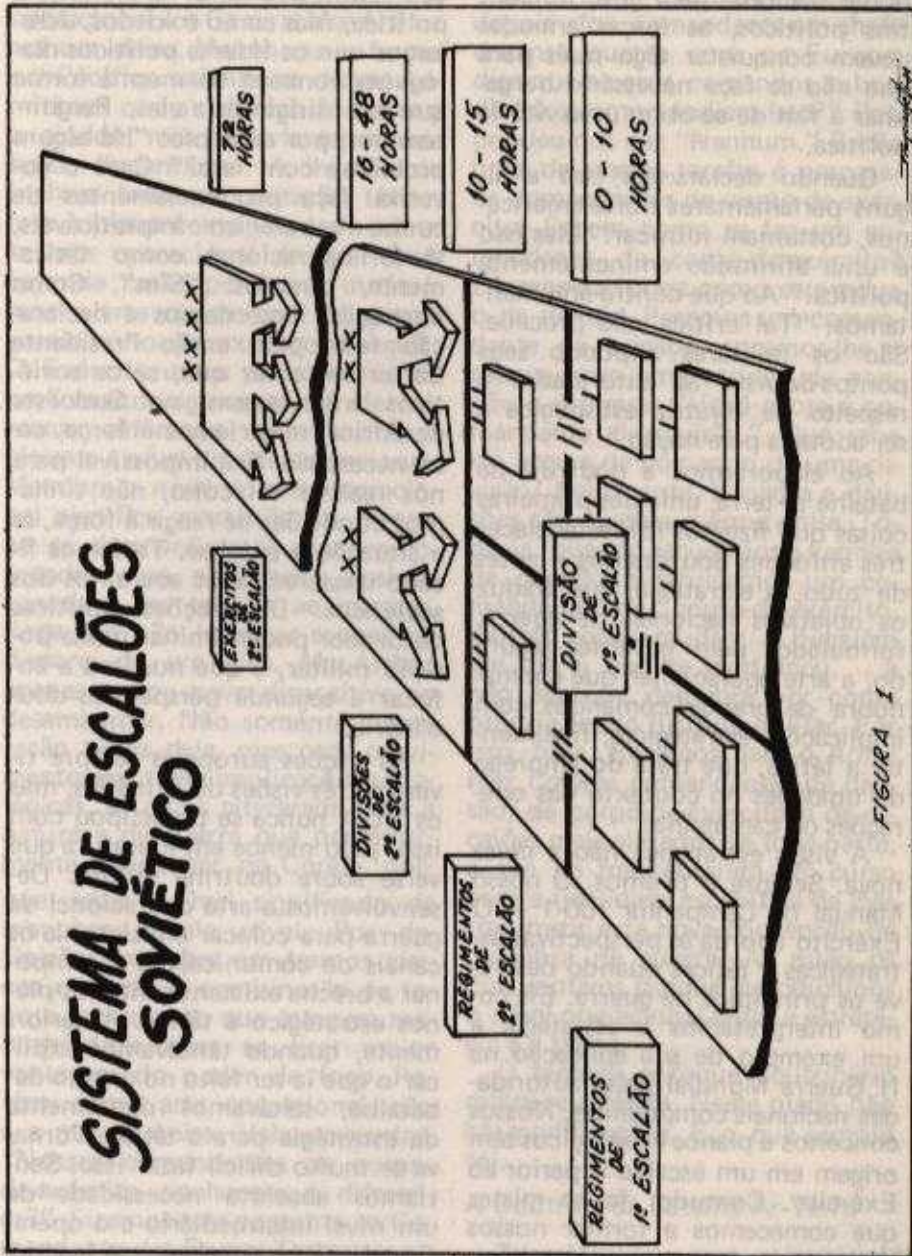
Há quem pense que temos uma visão rígida do inimigo — que existam forças ameaçadoras desdobradas ordenadamente no campo-de-batalha, todas com minuciosas placas de identificação e guardando a mesma distância. Na verdade, não é bem assim. Trata-se apenas de uma representação esquemática de como as vemos.

Eis aí os escalões soviéticos com suas missões. Desta forma, temos uma idéia *onde* e *quando* atuarão. Em outras palavras, os soviéticos trabalharam muito nos últimos 15 ou 20 anos para estruturar forças bem flexíveis em escalões sucessivos. Os comandos dos escalões sucessivos podem mesmo ignorar *onde* se engajarão em combate, até que os precedentes comecem a detectar pontos vulneráveis ou brechas em nossas linhas. Percebe-se que é uma organização muito flexível. Porém, o fundamental do nosso problema, em relação a este tipo de esquema de ataque soviético contra nós, não reside na superioridade numérica inimiga nem na qualidade semelhante do material dele. A questão capital é determinar se o oficial soviético revela-se de fato intelectualmente superior ao seu congênere ocidental. Se o for e puder exercer essa superioridade, então defrontamos sério e profundo desafio. Portanto, nosso dever será então assegurar uma formação tal ao corpo de oficiais norte-americanos que lhes faça entender a batalha a ser travada no ar e em terra, bem como conduzi-la, a fim de que se capacitem inte-

lectualmente a superar o adversário no campo da luta. Temos que conseguir isso e devemos confessar... estamos muito longe de atingir esse objetivo. Estivemos no *Army War College*, acompanhando os jogos de guerra a nível de teatro de operações lá desenvolvidos e fomos informados pelo pessoal daquele estabelecimento de ensino que somente um dentre cinco oficiais de elite têm condições de visualizar uma batalha com três dias de antecedência. O que lá constatamos naquele centro de instrução nacional do mais alto nível não nos surpreendeu, quando anunciaram terem as "Forças Azuis" sido derrotadas. Nós, simplesmente, precisamos instruir nosso pessoal; esta é a finalidade dessa escola de caráter nacional — treinar comandantes em todos os níveis para conhecerem o campo-de-batalha do futuro e a maneira como o inimigo opera nele, além de os capacitar a manobrem para tirar vantagem das fraquezas do adversário.

Estratégia, Arte Operacional e Tática

Agora vejamos a doutrina da batalha ar-terra — a doutrina do Exército norte-americano atual. Esta doutrina se fundamenta em dois princípios. Eis o primeiro: o propósito das operações militares não pode ser meramente evitar a derrota, mas assegurar a vitória. Este conceito enfatiza a lição da história freqüentemente ignorada ou mal entendida que, uma vez acionada a expressão militar do



poder nacional pelo governo com fins políticos, as forças armadas devem conquistar algo mais para que não se faça necessário barganhar a fim de se obter uma vitória política.

Quando declaramos isso a alguns parlamentares norte-americanos, costumam retrucar: "Mas isso é uma afirmação eminentemente política!" Ao que contra-argumentamos: "Tal crítica não procede. São os militares expondo seus pontos-de-vista às autoridades a respeito da diretriz estratégica a ser adotada pela nação."

Ao elaborarmos a doutrina da batalha ar-terra, uma das primeiras coisas que fizemos foi restabelecer três enfoques doutrinários — antes de tudo, a estratégia, que traduz os objetivos nacionais de guerra, formulados pelo governo; segundo, a arte operacional, que é a manobra de grandes-comandos com implicações estratégicas; finalmente, a tática, que trata do emprego de unidades no contexto das operações ou campanhas.

A visão estratégica não é coisa nova. Sempre a tivemos. O nosso Manual de Campanha 100-1 — O Exército aborda as perspectivas estratégicas e táticas quando descreve os princípios de guerra. Eis como interpretamos a estratégia e um exemplo de sua aplicação na II Guerra Mundial pelas autoridades nacionais competentes. Nossos conceitos e planos estratégicos têm origem em um escalão superior ao Exército. Contudo, faz-se mister que comecemos a formar nossos militares estrategistas também. Desconhecemos até onde a forma-

ção estratégica influi na hierarquia política, mas como soldados, desejamos que os líderes políticos dialoguem conosco da mesma forma que nos dirigimos a eles. Perguntem-nos, por exemplo: "Há algum problema com isso?" Caso o governo faça pronunciamentos de cunho estratégico impraticáveis, tanto operacional como taticamente, diremos: "Sim". Como ilustração, recordemos a declaração feita pelo então Presidente Carter certa vez que, se os soviéticos interviessem no Sudoeste da África, reagiríamos à força, caso necessário. Era impossível para nós realizar tal coisa, não tínhamos condições de reagir à força, se a situação o exigisse. Teríamos ficado desacreditados aos olhos dos soviéticos. Declarações políticas deste teor podem minar nossa posição militar, o que nos leva a enfatizar a segunda perspectiva doutrinária.

As nações européias sempre tiveram três visões doutrinárias, mas os EUA nunca se preocupou com isso, pelo menos em literatura que verse sobre doutrina militar. Desenvolvemos a arte operacional da guerra para colocar em sintonia os canais de comunicações e tamponar a brecha existente entre os planos estratégico e tático. Anteriormente, quando tentávamos explicar o que ia ser feito no campo-de-batalha, saltávamos diretamente da estratégia para a tática. Tornava-se muito difícil fazer isso. Sentíamos absoluta necessidade de um nível intermediário e o operacional veio preencher esta lacuna. Sempre contamos com alguns

oficiais que entendiam de arte operacional e o General MacArthur era um deles. Manobrou as forças no Pacífico valendo-se disso. Admitimos que a natureza do terreno o ajudou, mas poderia ter manobrado linearmente. A invasão de Inchon foi uma operação tática, mas o plano como um todo retrata arte operacional de guerra. A segunda razão pela qual instituímos a arte operacional de guerra baseia-se no que expomos a seguir. O Exército usa a palavra "manobra" muito vagamente. Há efetivamente diferença entre manobra tática e a nível de arte operacional. Manobra a nível de arte operacional significa rearticular as forças, ao se desenvolver os grandes comandos para obter uma posição vantajosa em relação ao inimigo. Pode até não implicar sequer no disparo de um tiro. MacArthur apenas tomou novo dispositivo ao desembarcar. Não somente a operação tática dele, mas cada movimento seu tinha implicações estratégicas, as quais alteraram toda a natureza da guerra que posteriormente teve lugar na Coreia, porque sabia o real significado da manobra àquele nível. Por definição, manobra em termos táticos quer dizer combinação de fogo e movimento que assegure manobrabilidade para se tirar maior vantagem do poder de fogo. Porém, como arte operacional, não é a mesma coisa. Vale perguntar: "Nossos comandantes de corpo-de-exército conhecem a diferença?" Fizemos esta pergunta ao Comandante das Forças Terrestres na Europa: "General, o senhor co-

mandou um corpo-de-exército e depois foi comandante-em-chefe durante quatro anos na Europa, diga-nos se seus comandos subordinados compreendiam isto?" Respondeu-nos ele: "Nenhum." Então uma de nossas tarefas é preparar os comandantes de corpo-de-exército. Sabem como se faz um comandante de corpo-de-exército? Da mesma forma como se produz o de divisão. Pegamos um comandante de brigada, tocamos-lhe a cabeça com uma varinha de condão e dizemos: "Você agora é comandante de divisão." Que sabe ele acerca de comando de uma divisão? Felizmente, brigadas e divisões são quase a mesma coisa. Todavia, quando sacudimos a varinha de condão e fabricamos um comandante de corpo-de-exército, muitas coisas mudam e ninguém lhe diz o que se modificou... a não ser que descubra por conta própria lendo história militar. Por isso, hoje, trazemos para o *Army War College* comandantes de divisão, de corpo-de-exército e de escalões mais elevados de toda parte, a fim de freqüentarem um curso com a finalidade específica de lhes transmitir esta nova concepção de manobra na guerra. Aí estão os dois motivos porque introduzimos o nível operacional entre a estratégia e a tática.

O terceiro enfoque doutrinário refere-se à tática. Neste plano não há modificações. É o que sempre foi.

A Doutrina da Batalha Ar-Terra

Examinemos agora minuciosamente de que realmente consiste a

doutrina da batalha-ar-terra. Estas duas idéias dizem respeito à extensão do campo-de-batalha e à integração das diversas armas — biológicas, nucleares e químicas. O objetivo da batalha ar-terra é extraído do plano original. Começamos por avaliar os soviéticos e as forças de seus satélites, bem como os problemas defrontados na Europa Central e Coréia. No Sudoeste da Ásia admitimos ter de enfrentar forças não soviéticas. Julgamos que o estilo soviético de combate apresenta vulnerabilidades. Portanto, cumpre-nos tirar partido destas e de aumentar nossas possibilidades de vencer, atacando simultaneamente os escalões de assalto e sucessivos.

Consideremos as forças soviéticas dispostas em escalões, de acordo com o preconizado pela doutrina, e o limite avançado de nossas tropas ou FLOT (*Forward Line Own Troops*), para empregar a terminologia oficial da OTAN. Nossas unidades devem ser apreciadas segundo o prazo que poderão influir no combate, variável conforme o escalão. Por exemplo, um comandante de brigada pode influenciar no combate até aproximadamente 12 horas. Além disso penetra na esfera de ação da divisão. Os comandantes de divisão podem influir no combate durante cerca de 24 horas e os de corpo-de-exército têm até 72 horas no máximo. Quando damos ordem a um piloto ou artilheiro para atirar em um alvo na frente de combate, não podemos dizer: abra fogo sobre tal ponto por 11 ou 12 horas. Precisa saber a dis-

tância que o separa do alvo, ou seja, o alcance. Por conseguinte, cada comandante deve analisar os fatores da decisão (Missão-Inimigo-Terreno-Meios) mais o tempo disponível. Conhecido o tempo de que dispõe, apreciará então os outros quatro fatores, conforme se apliquem ao seu caso, e chegará a uma distância indicada pelo estudo de situação. Depois traçará uma linha sinuosa, como estamos cansados de saber, porque os fatores da decisão variam ao longo de toda a frente de combate. O terreno em determinado local pode ser mais difícil do que em outro. Talvez haja menos tropas para lutar em certa região, em conseqüência a linha nesse trecho será marcada diferentemente. No fim de tudo quem realmente vai definir a linha para as divisões é o corpo-de-exército, cabendo àquelas delimitá-la para as suas brigadas. Desta maneira, dividimos o campo-de-batalha. Convém salientar que as forças soviéticas acham-se dispostas em escalões, de modo que podem atuar em qualquer parte da frente.

Vamos dar início à guerra. O primeiro russo cruza a linha de contato e principia a luta. Dizemos ao comandante do corpo-de-exército: "Sua missão é dar combate às forças inimigas na faixa de 9 a 72 horas da FLOT, mas, como tem capacidade de ir mais além do que qualquer outro comando, deve concentrar seus esforços para golpeá-las mais a fundo. Nossos intentos é que desde já comece a retardar, desorganizar e destruir as forças inimigas. Princípie por manipu-

DOUTRINA E MATERIAL ANTIGOS

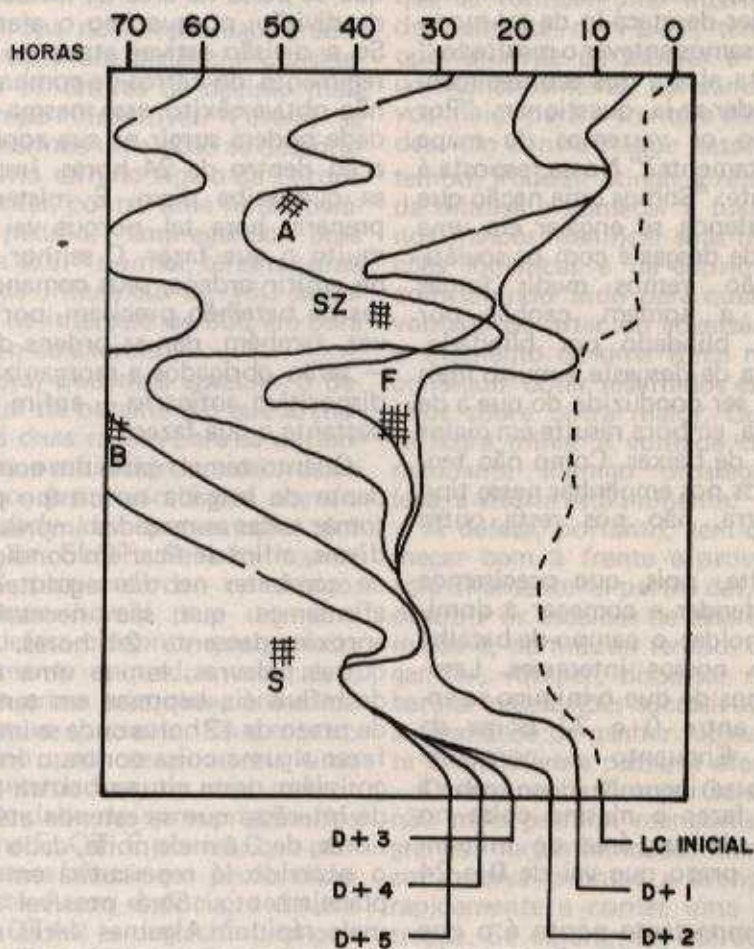


FIGURA 2

lá-las dentro do campo-de-batalha; isto impedirá que estabeleçam contato conosco, segundo o quadro de movimento delas, mas de acordo com o nosso. Assim, o inimigo só atingirá *onde e quando* o permitirmos, para que tenhamos condições de atacá-lo de tal modo que possamos antever o resultado.”

A esta altura dos acontecimentos, poder-se-ia questionar: “Por que não os varremos do mapa completamente?” Nossa resposta é a seguinte: “Somos uma nação que não pretende se engajar em uma guerra de desgaste com os soviéticos. Não iremos medir forças homem a homem, canhão por canhão, blindado por blindado. A guerra de desgaste é muito mais fácil de ser conduzida do que a de manobra, embora resulte em maior número de baixas. Como não tencionamos nos empenhar nesse tipo de guerra, não nos resta outra opção.”

Resulta, pois, que precisamos nos destender e começar a dominar e moldar o campo-de-batalha segundo nossos interesses. Lembremo-nos de que o inimigo se encontra entre 0 e 72 horas da FLOT. Enquanto o corpo-de-exército se incumbe disso, cabe à divisão fazer a mesma coisa no interior de sua área de influência, em prazo que vai de 0 a 24 horas.

Um importante ponto é o que acontece na FLOT. O corpo-de-exército e a divisão são responsáveis por criarem condições para que as brigadas obtenham sucesso na FLOT. Para isso necessitam de tempo suficiente, a fim de pla-

nejarem a conduta das operações e depois ordenar aos comandantes de brigada o seguinte: “General, ao mesmo tempo que o senhor combate aqui na linha de frente, precisa tomar conhecimento do que se passa na área de influência da divisão, porque isso o afetará. Se a divisão estiver atacando um regimento de carros-de-combate e não obtiver êxito, essa mesma unidade poderá surgir na sua zona de ação dentro de 24 horas. Impõe-se que saiba disso. É mister se preparar para tal, porque vai dar muito o que fazer. O senhor terá de emitir ordens, seus comandantes de batalhão precisam, por sua vez, também, dar as ordens deles — serão obrigados a reorganizar o dispositivo anticarro — enfim têm bastante o que fazer.”

Quanto tempo gasta um comandante de brigada no campo para tomar todas as medidas imprescindíveis, a fim de ficar em condições de combater no dia seguinte? Já afirmamos que são necessárias aproximadamente 24 horas. Em outras palavras, tem-se uma área de influência expressa em termos de prazo de 12 horas onde se impõe fazer alguma coisa contra o inimigo; além desta situa-se outra área de interesse que se estende até 24 horas, de 0 à meia-noite, dado que o ocorrido lá repercutirá em seu planejamento. Será possível agir mais rápido? Algumas vezes sim, mas o limite máximo é de 24 horas. Pela mesma razão, o comandante de divisão também precisa observar a área de influência do escalão superior — a do corpo-de-exército — e ficar ciente do que

se passa ali. Sabedor de que isso acarretará conseqüentemente na próxima batalha, o corpo-de-exército deve estar alerta por 96 horas. Em termos de tempo isso explica as áreas de interesse e de influência.

À tropa no terreno cabe traduzir a ação em distância, considerando os fatores da decisão mais o tempo disponível. Porém, se imaginarmos uma ação se desenrolando no terreno típico da Europa Ocidental, contra uma força soviética padrão, empregando uma "força azul" normal, teremos uma área de influência de 150 km e outra de interesse de 300 km para o corpo-de-exército.

Agora, podemos apreciar o desenrolar da batalha e o que se passa. Há duas razões para se destender em profundidade a retardar o inimigo. A primeira é que altera a velocidade de apresentação dos alvos na FLOT. Se não houver tempo para retardar o inimigo, tampouco haverá para organizar uma defesa coerente que permita logicamente enquadrar cada alvo, com a arma adequada, à medida em que se apresenta. Eis o motivo primário para se conduzir uma ação retardadora, ou seja, reduzir a velocidade de apresentação dos alvos na FLOT. É por isso que preconizamos atacar em profundidade. Esta é, em essência, a doutrina da OTAN — desfechar um golpe profundo inicial. Existe ainda uma segunda razão mais importante para se retardar o avanço inimigo. Atacando alvos selecionados, começamos a aumentar o espaço entre os escalões regimentais ini-

migos e modificar a hora de chegada deles à frente, de acordo com nossa conveniência. Desde que nos seja dado prever isso, poderemos aguardá-lo com uma força de contra-ataque. Assim, sempre que se verificar uma interrupção do combate na FLOT, tem-se a oportunidade de superar o inimigo numericamente, carregando novos meios para a frente e desencana-dear um contra-ataque nesse meio tempo. Pode-se atingir a retaguarda inimiga e começar a fustigá-lo nos flancos, danificar suas instalações logísticas e de suprimento, contribuindo tudo para quebrar a vontade de lutar do adversário. É o momento de uma força menor conseguir obter resultados expressivos sobre outra maior. Quando se logra minar a vontade do comandante inimigo prosseguir a luta, a vitória está iminente.

A defesa, portanto, tem de começar bem à frente e prosseguir agressivamente a partir daí, para destruir os escalões de assalto inimigos e, ao mesmo tempo, desorganizar, romper, dispersar e desbaratar os escalões sucessivos com a finalidade de ganhar rapidamente a iniciativa e passar à ofensiva.

O terreno na Europa Ocidental não mais permite manobras com grandes forças blindadas mantidas em reserva prontas a avançarem rapidamente e conter uma penetração. Se esperarmos até ocorrer uma penetração, será tarde demais e estaremos batidos.

Mas que profundidade devemos atingir no ataque inicial, perguntamos? Lembremo-nos de onde tiramos esses prazos. Não se trata da

velocidade com que os russos podem se deslocar do ponto A para B; referem-se ao tempo necessário para que possamos estar preparados a fim de travar a batalha de amanhã. Baseiam-se em dados estimativos de planejamento. Se aplicarmos tais prazos estimados a distâncias indiscriminadas, tomando-se como referência o terreno típico da Europa Ocidental e as forças "azuis" e "vermelhas" de "vade-mecum" chega-se a tais extensões para as áreas de influência e interesse.

Considerando as forças soviéticas dispostas no campo-de-batalha de acordo com o dispositivo doutrinário, verificamos que se acham dentro das áreas de interesse e influência das forças "azuis", o que lhes enseja boa oportunidade para atacar. Desta maneira, tudo se mostra perfeitamente ajustado, embora não seja isto que dite a ação ofensiva.

Na realidade não há três batalhas sendo travadas ao mesmo tempo, mas uma única sincronizada que se desenvolve na mente de um homem — o comandante do corpo-de-exército. Eis, pois, a razão pela qual o comandante do corpo-de-exército conduzirá esta batalha de maneira diferente dos seus comandos subordinados de divisão e brigada. Isto explica porque necessitávamos da arte operacional.

Este é o modo de combater soviético. Se ficarmos aguardando o inimigo na FLOT e tentarmos abatê-lo à medida que cruze a linha de crista, estaremos fadados à derrota. Então, o que nos resta fazer?

Segundo estimativas dos órgãos de informações, considerando-se apenas blindados e artilharia, surgirão eventualmente na FLOT cerca de 13.000 viaturas dos regimentos de primeiro escalão na região central; atrás deles virão mais 7.000 e no terceiro escalão outras 19.000, perfazendo um total de aproximadamente 39.000 — média a se engajar em combate contra nós. Não temos condições de enfrentar tal poderio. Além disso, ainda há um exército inteiro em segundo escalão que marchará à retaguarda desta força.

Em todos os jogos de guerra realizados não nos saímos tão mal assim contra um inimigo deste valor e natureza, mas de início levamos a pior. Para que este quadro seja modificado, impõe-se que o poder de combate inimigo apresentado na FLOT fique reduzido. Adotando-se a nova doutrina formulada, o que precisamos fazer é observar em profundidade, bater o escalão de ataque rapidamente, conduzir a batalha inicial sem perda de tempo e passar à ofensiva. Devemos atacá-lo em toda a extensão de profundidade de sua formação, empregando meios aéreos, eletrônicos e artilharia junto com a força de manobra terrestre. Somente com a força de manobra terrestre é que poderemos alcançar os resultados desejados. Tenhamos em mente que o verdadeiro objetivo do ataque em profundidade é criar oportunidades para ação das forças amigas.

É as forças inimigas? Não importa se as chamamos de reserva, de forças de acompanhamento, de

escalões sucessivos, de segundo escalão ou de grupo de manobra operacional. Podemos denominá-las de qualquer coisa, mas diante de um inimigo com tal poder de combate, a única maneira de derrotá-lo é por meio da batalha ar-terra. Já empregamos a palavra "vencer" e talvez seu significado real não esteja bem claro. "Vencer" para nós é criar uma situação no campo-de-batalha que permita aos líderes políticos desfrutar de uma posição de superioridade para negociar. "Vencer" é isto.

Examinemos novamente toda esta batalha, porém enfocando o emprego de armas nucleares. Agora vejamos a atuação de um comandante de corpo-de-exército em cuja frente se trava uma intensa batalha no Limite Anterior da Área de Defesa Avançada — LAADA. Esqueçamos a batalha por enquanto e concentremo-nos no papel desempenhado por esse comando. O interesse dele na batalha se prende ao fato de que sua área de influência situa-se entre 0 e 72 horas e por ser a única pessoa que tem condições de fazer alguma coisa nesse espaço com a Força Aérea sobre quem repousa a capacidade de manobra a longo alcance. Então, em outras palavras, a missão do corpo-de-exército é se lançar a fundo contra o inimigo com todo seu poder de combate, nesta ordem de prioridade, pois a destruição das forças oponentes em profundidade é bastante difícil e dispendiosa. Basicamente o que se vai travar lá é uma batalha aérea. Estes são os tipos de alvos que deverá atacar se optar

por tal linha de ação. Lançaremos equipes de forças especiais e comandos para efetuar uma série de reconhecimentos, cortar determinadas passagens a fim de isolar o inimigo no campo-de-batalha, bem como destruir certos alvos que lhes serão designados. Constituirão a única força terrestre a operar nessa área. Esta é a missão delas. Estamos há 60 horas na LAADA. O Corpo-de-exército prossegue no cumprimento de sua missão, observando esta ordem de prioridade; trava-se ainda basicamente uma batalha aérea.

É chegada a hora de tratarmos do emprego de armas nucleares táticas. O comandante do corpo-de-exército vê como a batalha se desenrola e faz seu estudo de situação. Pode continuar a obter sucesso com meios convencionais porque suas forças estão se saindo bem, segundo informações transmitidas pela Força Aérea e pelo fato das equipes de forças especiais relatarem que tudo ocorre conforme o previsto, bem como o inimigo começa a se fragmentar e a ser canalizado para um local no campo-de-batalha que se ajusta ao futuro plano de manobra já esboçado pelo corpo-de-exército. Por isso é que avalia a situação.

Consideremos o mesmo quadro, porém com a diferença que as coisas não estão indo bem para o nosso corpo-de-exército. As grandes-unidades subordinadas encontram-se em apuros. Há indícios de colapso iminente de nossas posições e de que uma penetração inimiga ganha vulto. Fica patente que o adversário vai tirar vantagem

da penetração realizada e prosseguir sobre objetivos mais profundos à retaguarda e desbaratar completamente a defesa. Esta é a conclusão do comandante do corpo-de-exército no estudo de situação dele. Então o que lhe cabe fazer? Solicita permissão para empregar armas nucleares com a finalidade de manter a iniciativa das ações ou tirá-la do inimigo. Mas a resposta é "não". Espera o inimigo aproximar-se mais, a situação se agrava, a penetração amplia-se, as forças agressoras são reforçadas pelas do escalão seguinte, torna-se evidente que o inimigo começa a atingir a área de retaguarda do corpo-de-exército. Novamente, pede a liberação de armas nucleares para retirar do inimigo a iniciativa. A resposta continua sendo "não" até o momento em que a penetração inimiga tenha atingido em profundidade a área de retaguarda do corpo-de-exército. Agora, amplo bolsão foi estabelecido e o inimigo acha-se prestes a efetuar a ruptura de nossas posições e irromper à retaguarda delas, levando a cabo tudo aquilo que pretendia realizar atrás das linhas aliadas. A defesa como um todo está a ponto de submergir. Pela terceira vez consecutiva, desesperadamente, roga a liberação das armas nucleares e qual é a resposta? Finalmente, dizem-lhe "sim". Se tudo o que pretende é reconstituir a linha defensiva em algum ponto à retaguarda e evitar a derrota, a ocasião se revela oportuna para autorizar o emprego de armas nucleares. Todavia, se a intenção é privar o inimigo da iniciativa das ações, o líder políti-

co deve entender que retardando a liberação do uso de nucleares vai modificar a situação no campo-de-batalha. Se as armas nucleares fossem liberadas em tempo hábil, o inimigo poderia ser derrotado; em caso contrário, mesmo que determinem "Avance e Vença", será muito tarde para tal. Será demasiado tarde para tomarmos a iniciativa do adversário.

Em todos os exercícios realizados, nos jogos de guerra colocados em prática, a pergunta freqüente tem sido: "Se tal situação concretizar-se no futuro, de alguma forma, onde estaria o inimigo quando dispuséssemos de tempo suficiente para fazer todas as coisas necessárias, a fim de iniciar o ataque nuclear? Onde se encontrará o inimigo se precisamos de todo esse tempo?" A resposta seria: a 60 horas ou mais de distância. Temos advertido que se pretendemos tomar a iniciativa do inimigo, nas atuais condições, provavelmente far-se-á impositivo obter a liberação das armas nucleares antes. Isto não quer dizer que precisamos fazer uso de armas nucleares para que a batalha ar-terra seja bem sucedida. Não se afirma isso. Porém, no caso de necessitarmos delas, devemos liberá-las logo. Não tivemos problemas ao afirmarmos isso no congresso. Ninguém questionou tal declaração.

A batalha prossegue e, agora, fomos rebaixados a comandante de divisão. o inimigo acha-se na nossa área de influência e precisamos fazer alguma coisa para detê-lo. A destruição cresce e não nos resta outra alternativa. Iden-

NOVA DOCTRINA E MATERIAL ANTIGO

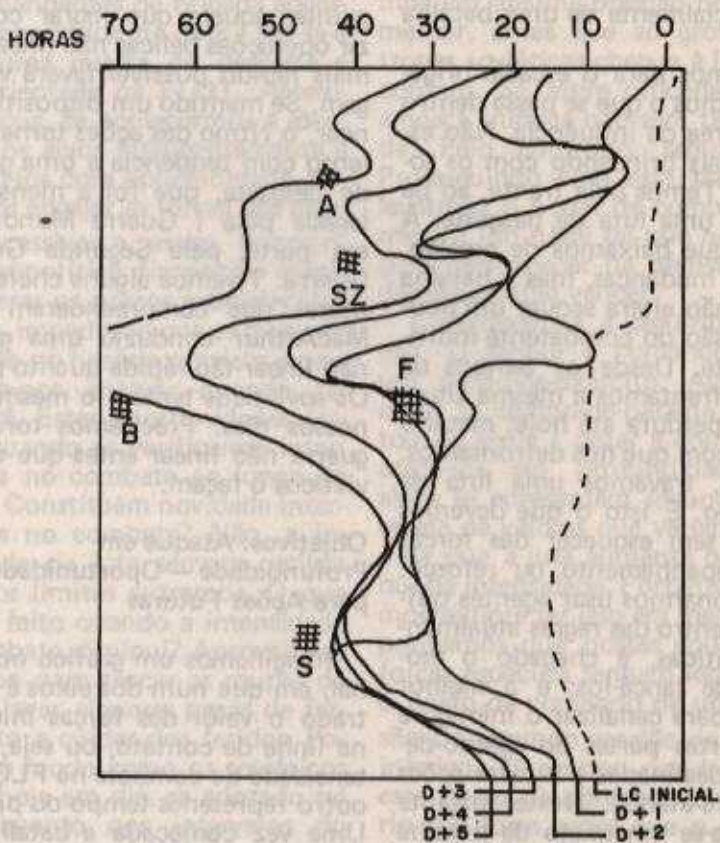


FIGURA 3

tificamos as forças a serem atacadas. Tornando-se impositivo o uso de artefatos nucleares, necessitamos pelo menos de 24 horas de alerta. Podemos, como se verifica, reagir mais ligeiro do que o corpo-de-exército. Contudo, trata-se ainda essencialmente de uma batalha aérea.

Desçamos para o escalão brigada e vejamos o que se passa dentro de sua área de influência. Não estamos mais brincando com os soviéticos. Temos pela frente, ao pé da letra, uma luta de desgaste. À medida que baixamos de escalão, ocorrem mudanças, mas a batalha ar-terra não altera sequer um pouco a missão do combatente individualmente. Desde os tempos de César enfrentamos a mesma situação que perdura até hoje: matar o homem com que nos defrontamos. Portanto, travamos uma luta de destruição. É isto o que devemos realizar, sem esquecer das forças de acompanhamento ou reforço. Se tencionarmos usar agentes químicos, dentro das regras atualmente permitidas, é chegado o momento de lançá-los; é a melhor ocasião para canalizar o inimigo e isolar certas partes do campo-de-batalha destinadas a futuras ações de contra-ataque. Neste instante desenrola-se um misto de batalha aérea e terrestre, quiçá mais terrestre do que aérea. Dentro de 72 horas começará tudo de novo.

Isto foi o que se passou nesse espaço de tempo. Tal não se dará sincronizadamente, ao longo de toda a frente da OTAN. Em alguns setores as coisas se desenrolarão de maneira diferente. Eis a razão pela

qual o novo Manual de Campanha 100-5— Operações, do Exército dos EUA, salienta, desde as primeiras páginas, que as guerras do futuro não mais serão lineares. Na verdade, a história da guerra moderna na Europa resume-se no seguinte: aquele que lograr conduzir operações bélicas não lineares o mais rápido possível levará vantagem. Se mantido um dispositivo linear, o ritmo das ações tornar-se-á lento com tendência a uma guerra de desgaste, que foi a mensagem legada pela I Guerra Mundial e, em parte, pela Segunda Grande Guerra. Tivemos alguns chefes militares que compreenderam isso. MacArthur conduziu uma guerra não linear tão rápida quanto pôde. Os soviéticos tentam o mesmo em nossos dias. Precisamos tornar a guerra não linear antes que os soviéticos o façam.

Objetivos: Ataque em Profundidade — Oportunidade para Ações Futuras

Imaginemos um gráfico octogonal, em que num dos eixos é registrado o valor das forças inimigas na linha de contato, ou seja, a intensidade do combate na FLOT. O outro representa tempo ou prazos. Uma vez começada a batalha, se não houver interrupção, a intensidade da luta na FLOT crescerá muito rapidamente e depois se estabilizará durante todo o combate. De fato, é provável que a luta ganhe intensidade à proporção que os demais escalões atinjam a linha de contato. Entretanto, o sistema soviético de ataque em escalões

sucessivos não permite concentrar todos os meios disponíveis de imediato na FLOT e a intensidade do combate pode cair, provocando ligeiras flutuações ou inflexões nas linhas de primeiro escalão, as quais certamente não serão notadas pelos comandantes de brigada adversários engajados na luta. Ter-se-á assim uma guerra de desgaste e bem orientada na FLOT. Acreditamos que, se começarmos a identificar os alvos inteligentemente e a atingi-los com oportunidade, poderemos engajar as forças dos escalões sucessivos e, assim, fragmentar o monolítico dispositivo inimigo, alterar os prazos estabelecidos por ele, impedindo que entrem em combate no horário previsto e permitindo-nos antever quando tal ocorrerá. Estas oportunidades dar-se-ão quando se verificarem interrupções no combate ao longo da FLOT. Constituem novidade interrupções no combate? Não, a intensidade da luta sempre oscilou entre os limites extremos. O que se tem feito quando a intensidade do combate diminui? Aproveita-se o tempo para trocar as roupas de baixo, lavar algumas peças de fardamento e cuidar dos feridos. Porém, do modo como os soviéticos lutam hoje em dia, se adotado tal procedimento nos intervalos do combate, logo o inimigo aparecerá na crista das elevações e estaremos aniquilados. Precisamos antever tais interrupções no combate e manipulá-las de modo a que ocorram somente onde e quando as desejamos, ficando em condições de atuarmos nessas ocasiões. Preparar-se para tal exige tempo. Mas

nos aprontemos para no momento oportuno termos capacidade de desfechar um contra-ataque no ponto indicado, penetrar a fundo na retaguarda inimiga, começar a atingir as forças adversárias nos flancos e depois nos reorganizarmos em alguma posição defensiva melhor, antes que ao grosso das tropas soviéticas chegue à linha de contato. Se assim procedermos a ameaça inimiga não será tão grande. Pelo contrário, reduzir-se-á. Prosseguindo com esta tática até levarmos o poder de combate inimigo a um nível tal que nos assegure permanecer na ofensiva, poderemos então vencer.

Consideremos a seguinte situação. O senhor é comandante de um corpo-de-exército. Acaba de olhar o campo-de-batalha, levantou os alvos a bater e começou a atacá-los em profundidade. Os alvos se apresentam segundo uma escala de valores que variam à medida que a luta aumenta ou diminui de intensidade. Portanto, devemos sempre ter isso em mente. Suponhamos que nossas equipes de forças especiais tenham localizado o posto de comando de uma divisão do segundo escalão de ataque inimigo. O senhor decide atacar esse posto de comando divisionário 12 horas antes que o comandante dessa grande-unidade inimiga ordene aos regimentos dele que executem os planos antecipadamente elaborados de acordo com os horários previstos e itinerários traçados. Digamos que haja perdido a oportunidade de atacar em profundidade e o ataque só tenha desembocado 12 horas após as or-

dens para os regimentos inimigos serem expedidas. A esta altura dos acontecimentos é tarde demais. As tropas adversárias já se encontram em marcha. Dentro em breve apresentar-se-ão nos respectivos pontos lógicos no momento em que estimaram chegar. Impõe-se que mantenhamos aquele posto de comando divisionário sob constante observação. Talvez não desejamos atacá-lo sequer com uma bomba, mas neutralizá-lo fazendo uso da guerra eletrônica justamente na ocasião em que ordens para os seus regimentos orgânicos serão transmitidas. Agindo desta forma o comandante do corpo-de-exército terá colocado aquele posto de comando fora de ação. Uma vez interrompidas as ligações com os comandos regimentais, esses ver-se-ão forçados a esperar, o que os colocará fora de combate na FLOT por um espaço de tempo previsível, de nosso conhecimento.

Outro bom exemplo. Existem cinco pontes em profundidade e não temos como explodi-las. Por outro lado, como algumas dessas pontes talvez venham a influir nas estimativas de tempo de nosso plano de manobra futura, não queiramos destruí-las. Então, só nos resta a alternativa de conservá-las sob vigilância. De repente surge um regimento de carros-de-combate soviético do segundo escalão de ataque, que começa a atravessar uma das pontes. A Força Aérea recebe ordem de lançar minas por toda a parte na área entremeadas de dispositivos eletrônicos para impedir a comunicação entre os blindados. As mi-

nas são lançadas ao longo das margens do rio e nos acessos à ponte. O comandante da força blindada atinge a área e seus carros começam a explodir; os carros-de-combate tentam usar o rádio para informar ao comando da unidade o que se passa e não conseguem se comunicar entre si. Por sua vez, o comandante deles procura se ligar com os engenheiros a fim de pedir que façam alguma coisa em seu proveito, mas não logra falar com eles. Consegue-se assim todo um regimento e mantê-lo fora de combate também por um período de tempo previsível.

O senhor é comandante do corpo-de-exército e vai selecionar alvos dessa natureza. Enquanto está fazendo isso e observando o desenrolar da batalha, começa a sentir que duas oportunidades se apresentam. Vão ocorrer dois intervalos no combate ao longo da FLOT, daqui a 60 horas. Um no setor sul e outro no norte. Os comandantes de divisão são convocados. Sabe que determinada divisão terá condições de manter a posição com menor efetivo durante este período de tempo. Por conseguinte, retira dela uma brigada e a coloca em reserva, reconstituindo-a de modo que disponha de todo seu apoio de fogo. Alerta a Força Aérea e tudo estará pronto para, quando surgir a oportunidade no setor norte, contra-atacar com aquela brigada. Aí então a divisão poderá retrair e se reorganizar nesta posição ou em outra, onde terá condições de prosseguir a luta. Isto posto o esquema de manobra é explicado aos dois comandantes

DOUTRINA ANTIGA E MATERIAL NOVO

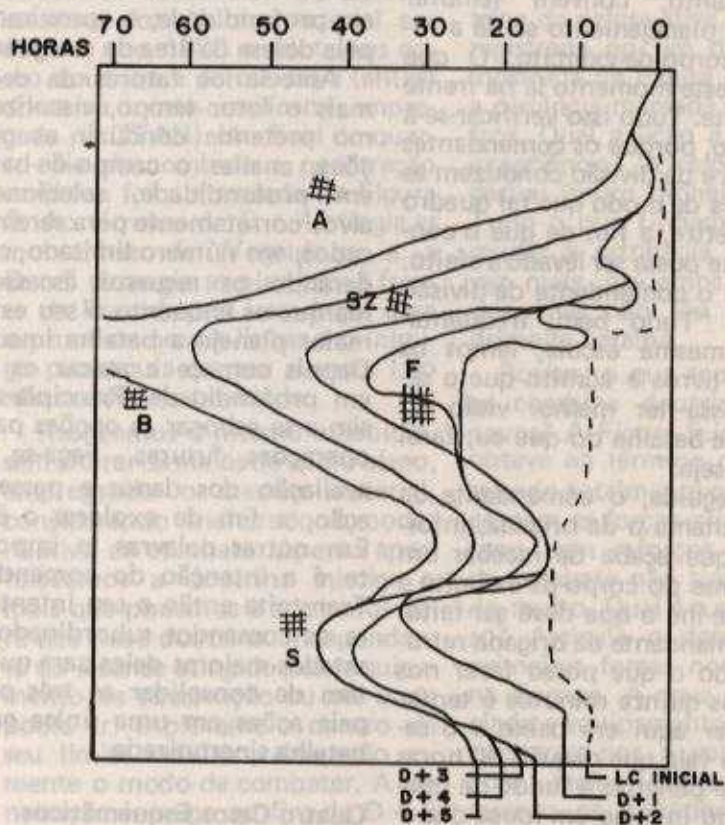


FIGURA 4

de divisão e hipotecada a brigada da que garante o setor sul, para ficar pronta dentro de 60 horas.

Contudo, o comandante da divisão que atua no setor sul ponderará: "Bem, entendi perfeitamente o esquema de manobra, mas enfrente encarniçado combate lá em baixo."

Entretanto, convém lembrar que este planejamento se dá a nível de corpo-de-exército. O que ocorre neste momento lá na frente é diferente. Tudo isso verificar-se-á no futuro, porque os comandantes do corpo e da divisão conduzem as operações de modo que tal quadro se concretize, a fim de que o contra-ataque possa ser levado a efeito.

Afinal o comandante da divisão conclui: "Tudo bem, freqüentamos a mesma escola, lemos os mesmos livros e admito que o senhor possa ter melhor visão do campo-de-batalha do que eu; farei o que deseja."

Em seguida, o comandante da divisão chama o da brigada, informa-lhe que acaba de receber um telefonema do corpo-de-exército e transmite-lhe o que deve ser feito.

O Comandante da brigada retruca: "Tudo o que posso fazer nos próximos quinze minutos é tentar sobreviver aqui em baixo e o senhor me fala que daqui a 60 horas tenho de penetrar a fundo na retaguarda do inimigo em louca disparada. O senhor está maluco?"

Queremos dizer com isto é que há riscos nesta doutrina, mas sempre existiram e existirão riscos no campo-de-batalha. Só é vitorioso o comandante que aceita riscos calculados. A doutrina da batalha ar-

terra revela esses riscos melhor do que jamais foram expostos anteriormente — os riscos que o comandante pode apreciar e escolher. Isto se dá porque antevistas as oportunidades, o tempo indispensável à preparação é assegurado. Na verdade, a doutrina da batalha ar-terra considera a existência de três combates simultâneos: em profundidade, o aproximado e pela defesa da área de retaguarda.

Aprecie os fatores da decisão mais o fator tempo, visualize como pretende conduzir as operações, analise o campo-de-batalha em profundidade, selecione os alvos corretamente para serem atacados, em número limitado, considerando os recursos escassos, e marque-os enquanto o seu estado-maior planeja a batalha imediata. Depois comece a atacar os alvos em profundidade. Princípiase assim a se esboçar as opções para as operações futuras. Faça-se uma avaliação dos danos e passe-se à ação, a fim de explorar o êxito. Em outras palavras, o importante é a intenção do comandante. Transmita então o seu intento para os comandos subordinados e o estados-maiores deles para que tenham de consolidar as três principais ações em uma única grande batalha sincronizada.

Quatro Casos Esquemáticos

Aplicamos esta doutrina num jogo de guerra levado a efeito em Fort Sill. Experimentamos tudo isso. Delimitamos uma brecha aberta em nossas linhas na fronteira entre as duas Alemanhas. Empre-

gamos a 3a Divisão Blindada e a 8a Divisão de Infantaria nas posições em que geralmente são desdobradas, com dez dias de alerta e sem armas nucleares ou químicas. Consideramos todo o apoio aéreo que pudemos dispor. O inimigo pintado foi o poderio soviético que julgamos ser possivelmente lançado através de uma brecha. As divisões estavam dotadas do material em uso no ano 1980 e adotamos como doutrina a defesa ativa (antiga doutrina norte-americana empregada na OTAN). Ao final do quarto dia de combate a penetração soviética foi a mostrada na Figura 2. Ao término de D + 4 atingia as montanhas de Vogelsburg e a D + 5 abrangia as planícies à frente de Frankfurt. Tivera lugar uma ruptura de nossas linhas e o inimigo prosseguia em seu avanço. Isso não constituía novidade.

Realizamos o mesmo exercício, sem alterar os meios de apoio aéreo, empregando o mesmo material, considerando inalterado o poder relativo de combate. Apenas aperfeiçoamos a doutrina inimiga o mais que pudemos e adotamos para nós nova doutrina. Independentemente do alcance atingido pelo equipamento de observação ou até onde podia ir, exploramo-o dentro de seu limite máximo, alterando somente o modo de combater. A penetração inimiga ao fim de D + 5 foi a vista na Figura 3. Não fora bastante reduzida. Os soviéticos ainda mantinham uma certa impulsão, mas nota-se a diferença entre esta penetração e a anterior. Só modificamos a maneira de lutar.

Depois pegamos o mesmo jogo

e melhoramos a divisão com o material novo a ser adotado em 1986, empregando, sistemas múltiplos de lançamento de foguetes, carros-de-combate M-1 e helicópteros *Apache*. Fizemos o mesmo com as forças soviéticas, atribuindo-lhes moderno equipamento que julgamos estar em uso nessa época. Repetimos o exercício aplicando a doutrina da defesa ativa. A penetração registrada no fim de D + 5 é a mostrada na Figura 4. Notem que a distância marcada é em quilômetros. Qual a lição a se tirar desta experiência? A resposta é que se gastou muito dinheiro para nada. Tudo o que tínhamos a fazer era mudar a estratégia da luta. Uma vez mais, havíamos sido derrotados, mas não tão mal como na primeira batalha.

Porém, o que acontece quando se combina doutrina e material novos? A Figura 5 indica o que se obteve ao término de D + 5: bloqueado totalmente o avanço inimigo com as forças existentes no terreno, sem reforços. No nono dia de combate não tinham progredido muito. Qual é o significado disso? Assinala o desembarque das primeiras forças norte-americanas na Europa. A nova doutrina associada a equipamentos moderno capacitaram-nos a vencer a guerra com meios convencionais. Enquanto os soviéticos penetravam em determinada parte da frente, em outra a linha de defesa deles enfraqueceu-se, o que nos permitiu romper suas posições lançando reforços neste ponto e explorando o êxito.

Comparando as situações ante-

riores com a resultante da adoção de nova doutrina, constatamos que proporcionou mais tempo aos líderes políticos ocidentais para agir. Nos casos precedentes, o comandante do corpo-de-exército teria solicitado liberação de armas nucleares, na iminência do colapso total da defesa. Na última situação, pode deixar de pedir a liberação de armas nucleares, mas se o fizer, os políticos terão maior prazo para meditar sobre o assunto, porque o chefe militar não se acha premido por uma crise imediata. De fato, está vencendo e não sendo batido.

E se fôssemos um general polonês e percebêssernos o que ocorreria? Naturalmente, estaríamos mais inclinados a nos aliarmos aos russos. Todavia, ao final de D + 5, se tivéssemos conhecimento da evolução da situação, mudaríamos de opinião. Com toda certeza, não deveríamos estar tão ansiosos de participar da luta. Em outras palavras, devido ao aumento da capacidade convencional, esta nova doutrina nos dá possibilidade de começar a minar a solidariedade do Pacto de Varsóvia, se é que existe.

É sabido que provavelmente nos escalões de ataque do Pacto de Varsóvia somente haja forças soviéticas, porque os russos não confiam nos outros países membros deste.

CONCLUSÃO

Tudo isso foi exposto ao Vice-Presidente Bush, ao Ministro da Defesa Senhor Weinberger, a mais

de cem congressistas norte-americanos, a todos secretários-gerais e assistentes do Ministério da Defesa e extensivamente a diversas nações integrantes da OTAN, a nível dos respectivos estados-maiores de seus exércitos, relatando-lhes na íntegra o que estamos tentando fazer.

Revisamos nosso Manual de Campanha-Operações e agora começamos a difundir-lo nas escolas militares. O problema é que ainda não logramos consolidar isso tudo. Por exemplo, sabemos como os russos pensam hoje e o que fazem agora. Para onde vai toda essa gama de informações? É transmitida para alguém que exerce importante função na Agência de Segurança Nacional em Washington. Mas esse não é o lugar indicado. Tem que ser passada para baixo até o comandante de corpo-de-exército e divisão, para que possam se certificar do que está ocorrendo. Trabalhamos agora em conjunto com a Força Aérea para consolidarmos tudo. Estas são as implicações da batalha ar-terra.

Não se trata de um artigo de luxo. É a única maneira que se tem para vencer uma batalha que exige minuciosa coordenação. Vai ser muito mais difícil comandar no futuro do que foi no passado. Procura-se antever as vulnerabilidades do inimigo e tirar vantagem delas. Há muitas possibilidades de se obter êxito. Precisam ser exploradas agora.

Implementar tal conceito hoje significa construir um receptor no qual todos os sistemas novos possam imediatamente ser conecta-

DOCTRINA E MATERIAL NOVOS

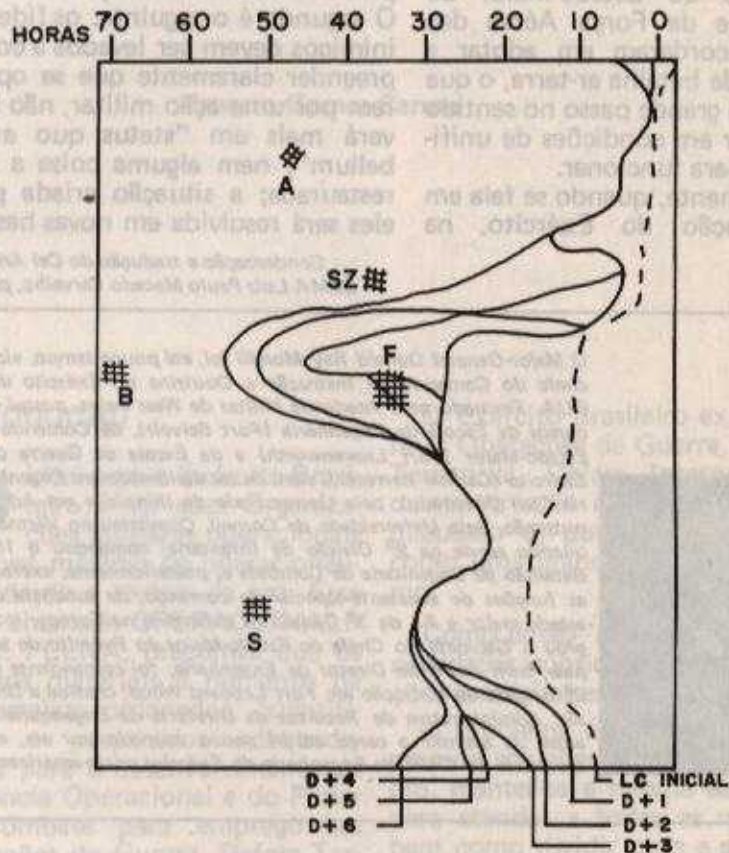


FIGURA 5

dos, minimizando o tempo de preparação a fim de se operar com plena capacidade.

Eis algumas das modificações que reclamam meditação. A mais importante é que não se pode montar todo esse cenário sem observar tal método de raciocínio. Os chefes do Estado-Maior do Exército e da Força Aérea dos EUA concordaram em adotar a doutrina da batalha ar-terra, o que representa grande passo no sentido de se ficar em condições de unificar tudo para funcionar.

Infelizmente, quando se fala em modernização do Exército, na

maioria das vezes só se trata de "brinquedos". A pedra angular da modernização é a atualização desta doutrina que toma corpo.

No início deste artigo, foram mencionados dois princípios que conduzem à direção tomada. O primeiro acaba de ser apresentado. O segundo é o seguinte: os líderes inimigos devem ser levados a compreender claramente que se optarem por uma ação militar, não haverá mais um "status quo ante bellum", nem alguma coisa a ser restaurada; a situação criada por eles será resolvida em novas bases.

Condensação e tradução do Col Art
OEMA Luiz Paulo Macedo Carvelho, p.s.c.



O Major-General Donald Ray Morelli foi, até pouco tempo, vice-chefe do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA. Formado pela Academia Militar de West Point, possui os cursos da Escola de Engenharia (Fort Belvoir), de Comando e Estado-Maior (Fort Leavenworth) e da Escola de Guerra do Exército (Carlisle Barracks), além de ser diplomado em Engenharia Civil (Mestrado), pela Universidade de Illinois, e em Administração, pela Universidade de Cornell. Combateu no Vietnam quando servia na 9ª Divisão de Infantaria; comandou o 10º Batalhão de Engenharia de Combate e, posteriormente, exerceu as funções de assistente-especial do comando, de subchefe do estado-maior e E4 da 3ª Divisão de Infantaria na Europa; integrou o Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército de seu país, bem como do Diretor de Engenharia; foi comandante da 2ª Brigada de Instrução em Fort Leonard Wood; chefiou a Divisão Administrativa de Recursos da Diretoria de Engenharia e, antes de assumir o cargo até há pouco ocupado por ele, era assistente do Chefe da Engenharia do Exército norte-americano.